



A masculinidade como uma categoria de análise para a pesquisa cemiterial: a nudez masculina na arte funerária paulista

Maristela Carneiro

Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás. É docente nos cursos de Filosofia na Faculdade Sant'Ana, de Pedagogia na Faculdade Sagrada Família e professora formadora da UAB, no curso de Licenciatura em História.

RESUMO

Discute-se a pertinência do uso do conceito de masculinidade como uma categoria de análise para a pesquisa cemiterial, tendo como horizonte orientador aspectos emergentes da investigação de doutoramento junto ao PPGH/UFG, sob a orientação da Prof^a Dra. Maria Elizia Borges. Investiga-se a nudez masculina na arte funerária paulista, no período da Primeira República, a partir do acervo do Cemitério da Consolação, em São Paulo/SP. A partir do inventário das ocorrências de imagens masculinas, parcial ou completamente despidas, vimos que estas se utilizam de representações que ora destacam a sensibilidade perante a morte, ora deixam em relevo a virilidade em associação ao mundo do trabalho; opções nem sempre em consonância com a moral burguesa e o ideal de masculinidade do período. A compreensão das diferentes representações de masculinidades faz-se necessária para a leitura dos diversos usos da nudez masculina no acervo artístico funerário em questão.

Palavras-chave: Masculinidade; Cemitério da Consolação; Arte Funerária.

ABSTRACT

We discuss the relevance of the use of the concept of masculinity as a category of analysis for cemeterial research, having as compass the emerging aspects of the doctoring investigation done along with the PPGH/UFG, under the supervising of Prof^a Dra. Maria Elizia Borges. We investigate the male nudity in funerary art from the city of São Paulo, in the period of the First Republic, examining the collections of the Cemetery of Consolação, in São Paulo/SP. Starting from the inventory of occurring male images, partially or completely nude, we noted that these employ representations that may highlight the sensibilities towards death, or the virility associated with the work world; options not always in consonance with the bourgeois morals and the ideal of masculinity from that time period. The comprehension of different representations of masculinity is necessary for the reading of the various uses of male nude in the funerary collection that we approach.

Keywords: Masculinity; Cemetery of Consolação; Funerary Art.

Recebido em: 13/10/2013 Aprovado em: 02/11/2013

1. Introdução

O presente trabalho é pertinente ao projeto de doutorado da autora junto ao Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, pela UFG, orientado pela Prof^a Dra. Maria Elizia Borges. Investigamos o uso da nudez masculina na arte funerária paulista, no período da Primeira República (1889-1930), a partir do acervo do Cemitério da Consolação, localizado em São Paulo/SP.

Neste artigo buscamos discutir a pertinência do uso do conceito de masculinidade como uma categoria de análise para a pesquisa cemiterial, tendo como horizonte orientador aspectos emergentes da investigação de doutoramento, segundo referida, ainda em desenvolvimento. O interesse por compreender o uso da nudez masculina no acervo artístico funerário em questão demanda a compreensão das diferentes representações de masculinidades inerentes a tal uso, conforme exploraremos na sequência.

Partimos do pressuposto de que os cemitérios e as construções funerárias são testemunhos materiais que nos permitem refletir sobre as intuições, as esperanças e as representações humanas. Seus diversos elementos relatam dados significativos acerca da cultura material, do simbólico e das múltiplas atividades do labor e da criatividade humana.

Estruturamos o texto em duas partes. Inicialmente apresentamos elementos acerca do conceito de masculinidade e do uso da nudez através da arte, destacando a produção artística referente ao período da *belle époque*, que se pautou pelos movimentos *art nouveau*, simbolista, *art déco* e modernista, sob a influência das correntes artísticas europeias, a partir de fins do século XIX. Objetivamos aqui justificar o uso da categoria de masculinidade como uma ferramenta de análise cemiterial.

Na sequência, apresentamos os primeiros resultados do processo de inventariar as ocorrências de imagens de nudez masculina no Cemitério da Consolação, num esforço de organizá-las tipologicamente, para a posterior análise. Indicamos aqui algumas representações da masculinidade, sobre a qual pretendemos indagar o valor simbólico na arte funerária, em um espaço que permite uma maior liberdade na expressão artística, descomprometida com a moral rígida proposta pelo pensamento burguês da época.

Há que se acrescentar que, reflexos do universo cultural de cada época e sociedade, através dos quais a coletividade expressa sua identidade, entendemos que os cemitérios são lugares imagéticos por excelência. Deste modo, as categorias teóricas e metodológicas elencadas, bem como as análises dos elementos materiais e simbólicos das necrópoles são caminhos possíveis e complementares, para se compreender como o ser humano representa-se frente à finitude, ainda que de forma fragmentada e justaposta, em conformidade como o meio social e cultural que o abriga e lhe concede forma e sustentação.

2. A nudez e a masculinidade encontram a arte

A nudez corporal é um elemento primordial nos discursos artísticos ao longo dos séculos, ao qual múltiplas significações e interpretações podem ser atribuídas para que nos aproximemos de suas figurações.

Era uma vez um nu, que conta a história de um corpo vestido em arte, *the nude*. O gênero do nu é considerado como forma ideal de arte (CLARK, 1971), buscando sempre a mimesis do belo, como isso ele é um indicador da ideia dominante de arte e seu papel na sociedade (MAHON, 2005, p.29), ou até os *boundaries* dela (NEAD, 2003, p.7), porque é a representação do corpo possível de ser mostrada dentro da moral regente e de cada sociedade. (BATISTA, 2010, p. 129)

Este diálogo entre a nudez e a arte remonta à arte grega clássica, quando o escultor, ao retratar o nu humano, buscava expressar a nudez do homem em si, ou seja, colocava-se diante do próprio ser. Isso porque para o artista o corpo humano não é um modelo, mas antes um módulo, representativo da harmonia absoluta. Tratar de nu na arte grega é falar da relação com o divino, porque o grego acreditava na existência do *kosmos*, em oposição ao *Kaos*, de forma que a representação do corpo nu é equivalente ao próprio mundo ordenado. (ANDRESEN, 1992, p. 05-06)

Entre os gregos antigos, conforme argumenta Lessa (2008, p. 69), a nudez dos corpos assinalava as diferenças entre os fortes e os vulneráveis, muitas vezes criando associações com os conceitos de civilidade e democracia. Nas palavras do autor:

Esta forma de governo dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez, isto porque, o ato de se exhibir confirmava a sua dignidade de cidadão, reforçando os laços cívicos entre os atenienses. Segundo Richard Sennett, "a nudez simbolizava um povo inteiramente à vontade na sua pólis, expostos e felizes, ao contrário dos bárbaros, que vagavam sem objetivo e sem a proteção da pedra." (LESSA, 2008, p. 69)

O desnudar expressa, além da beleza física, valorizada na antiguidade clássica, a virtude do cidadão, enquanto ser de

harmonia e equilíbrio. A nudez masculina é parte primordial da escultura grega, representada nos *Kouros*, estátuas masculinas inteiramente nuas. "*Partindo de uma imagem que é o homem, o Kouros é um modelo para o homem.*" (ANDRESEN, 1992, p. 27) Ao compor este modelo, esta imagem fundamental, o artista apresenta um projeto moralizador, de adequação do homem ao ideal democrático e cultural da civilidade grega.

Desse modo, a nudez corporal masculina comumente ocupou lugar de destaque, sendo temática relevante em diferentes momentos históricos e artísticos, desde a Antiguidade Clássica, como vimos, até a contemporaneidade, passando pelo Renascimento e o Neoclassicismo. Coelho e Molino apontam que o modelo renascentista do corpo é de início masculino. Nas palavras dos autores:

Cennino Cennini, em seu Livro da Arte (1400), investiga tão-somente as medidas concernentes ao masculino porque a mulher "não possui nenhuma medida perfeita." Herdeiro dessa tradição, Michelangelo negligencia a representação do feminino. (2010, p. 91)

A representação de Davi, do artista renascentista Michelangelo, é uma das mais difundidas obras de arte representativas da nudez masculina. Nesta figura chama-se a atenção para a forma física e para a postura do personagem, de uma forma que a sua nudez é equacionada com uma atitude de heroísmo, autonomia e juventude. Não havendo destaque para a arma com a qual Davi mata o gigante Golias, em conformidade com a narrativa bíblica, trata-se de um triunfo do seu próprio corpo e não de outros artifícios. (HAMMER-TUGENDHAT, 2012, p.37)

Neste período a nudez obteve grande prestígio, associada ao conhecimento do corpo e de suas exatas proporções, considerados aspectos primordiais na formação de qualquer artista, apreendidos, sobretudo, nas aulas de modelo-vivo. Nascimento (2011, p. 08) pontua que somente depois de dominar completamente a representação do corpo o artista estaria apto a conceber por si mesmo obras em todos os gêneros artísticos.

O nu pode, portanto, ser considerado como inspirador de muitas obras célebres de arte ocidental, e mesmo quando deixou de ser um tema até certo ponto obrigatório, manteve posição de exercício acadêmico e demonstração de maestria. (NASCIMENTO, 2011, p. 8)

Ademais, este nu renascentista era quase que exclusivamente associado aos padrões corporais apolíneos, em detrimento de outras formas de corpo nu existentes no mundo grego, as quais também nos foram legadas, ao lado das imagens harmoniosas. Figuras masculinas despidas como o já mencionado Davi, ao lado de outras como Hércules e Perseu, serviam também como alegoria das virtudes masculinas de força e assertividade que estados como a República de Florença desejavam representar no período (SCHMALE, 2012, p. 29).

Estas opções apolíneas da nudez masculina associadas à moralidade, ao vigor e à civilidade tornaram-se hegemônicas na arte ocidental, paralelamente à construção da masculinidade/virilidade do homem, em oposição à feminilidade/sensualidade da mulher. Já no século XVIII, durante o neoclassicismo, ainda se preservava a supremacia dos modelos gregos, haja vista que nas escolas de arte os modelos-vivos eram escolhidos de acordo com sua

semelhança com as estátuas clássicas, sendo a nudez feminina muitas vezes desprezada nestes espaços. (BORZELLO, 2012, p. 16-18)

Sobre este período e o uso da nudez como revestimento da arte, trata Batista:

A partir do Iluminismo o nu clássico encaminha-se para o modernismo como sinal da vida urbana no contexto das transformações do século XIX, visualizando as ansiedades sociais e ambições políticas, de forma cifrada e codificada (MAHON, 2005, p. 42). Nesse tempo e lugar, cada vez mais o nu se coloca em cima do muro do conflito entre o clássico e o contemporâneo, o corpo como alvo de debates teóricos artísticos que ficam cada vez mais tensos. A não representatividade do sexo gera toda a dinâmica da narrativa desse novo período, e é o poder oculto, o prazer do proibido, que escondia a fonte de energia, que só é compreensível por seus efeitos e não, pelo princípio gerador ou a sua história escondida. (BATISTA, 2010, p. 130)

O uso da nudez masculina expressa um conflito narrativo, à medida que vemos conviver nesse período representações idealistas e realistas. Tratar-se-ia de uma transição do *nude* para o *naked* – das formas idealizadas da nudez, para um nu despido de arte: “prova da transgressão para uma nova narrativa formal e conceitual dentro do projeto da modernidade do século XIX, e consolida um deslocamento – evidentemente não do nu que retornou ao real, mas sim, das boundaries da arte.” (BATISTA, 2010, p. 134)

Um corpo nunca existe em si mesmo, nem quando está nu, conforme defende Katz (2008, p. 69). Corpo é sempre um estado provisório de uma coleção de informações que o constitui como corpo. Questionar o lugar da masculinidade e o significado da nudez diz respeito à compreensão das representações imaginárias do corpo pensadas enquanto narrativas, imbuídas de valores sociais e culturais. A nudez do masculino tem a função de construir determinado sentido, que pode

ser interpretado à luz dos valores sociais, constituintes da corporeidade.

Em boa parte do século XIX, por exemplo, nota-se o grande volume de camadas que constitui o vestuário tanto de homens quanto de mulheres. No caso dos homens em particular, a vestimenta era associada ao poder monetário que podia ser ostentado visivelmente. Um homem nu era um homem desprovido de poder. Neste cenário, o nu masculino aparece principalmente como referência à pintura clássica, um nu geralmente apresentado como heroico e dramático.

A virada para o século XX vê, todavia, uma apreciação crescente pelo fisiculturismo, e pela cultura do corpo masculino ideal, forte e viril, que pode ser exposto para apreciação estética, dado que isso seja feito com certa “inocência”. A Primeira Guerra Mundial trará ainda mais mudanças, na medida em que novos padrões de vestuário e estética que admitem maior exposição do corpo começam a se difundir. Lentamente os padrões greco-romanos concedem espaços a outras opções estéticas, realistas, eróticas e/ou sentimentais (LEDDICK, 2012, p. 32-35).

Batista (2010, p.125-126) pontua que o corpo na arte, tanto na literatura, quanto nas artes visuais, é sempre um corpo-representação, um corpo imaginário que revela narrativas que objetivam conceder sentido aos corpos reais. As várias representações do corpo imaginário indicam negociações no que dizem respeito ao discurso do corpo, às relações e normas sociais, e mesmo aos valores de determinada sociedade. Deste modo, o corpo pode ser compreendido enquanto “materialidade polissêmica”: “como união de elementos materiais e espirituais e também como síntese de sonhos, desejo e frustrações de sociedades inteiras, pois o múltiplo sentido do corpo

pede múltiplos olhares.” (BATISTA, 2010, p.126) Essa polissemia do corpo é, portanto, uma polissemia da masculinidade.

A masculinidade não é um caractere biológico, assim como não o é a feminilidade. Trata-se do “fazer-se homem”, ou seja, um processo individual/social que se realiza na cotidianidade espacial da construção de gênero como um elemento identitário primordial das relações humanas. A concepção dos elementos típicos e/ou necessários concernentes ao “ser homem” é algo tanto construído, quando relacional. Silva et al defendem que o gênero é uma representação, experienciado cotidianamente e não algo que se adquire.

São as práticas de gênero que permitem, contraditoriamente, sua existência e transformação. Nesse sentido, não existe uma única forma de “fazer-se homem”, mas múltiplas formas de vivências de homens, que se forjam em diferentes tempos e espaços. Assim, apesar de considerar que a nossa sociedade está organizada a partir do privilégio do gênero masculino, não existe uma única forma de masculinidade. (SILVA et al, 2011, p.19)

Ao considerar aspectos simbólicos da vivência cotidiana, a construção da masculinidade é plural e fragmentada, antes de se apresentar como um bloco monolítico e exemplar, a orientar um único tipo de prática aceitável entre os homens. Tal pluralidade e fragmentação se refletem na espacialidade do Cemitério da Consolação, a ser analisado, onde diferentes papéis de masculinidade são representados através da arte funerária, ora destacando a sensibilidade perante a morte, ora deixando em relevo a virilidade em associação ao mundo do trabalho, opções nem sempre em consonância com a moral burguesa e o ideal de masculinidade do período.

Construída num contexto social, cultural

e político, a masculinidade e as suas formas de manifestação devem ser compreendidas dentro dos suportes simbólicos de masculino e de feminino, próprios a cada sociedade. Vieira-Sena (2011, p. 38) esclarece que aquilo que entendemos por tipicamente feminino e tipicamente masculino não são imagens que correspondem a qualquer valor essencial, universal e atemporal, mas a imagens construídas historicamente e que, desde a modernidade, vêm sendo profundamente alteradas graças à fluência e confusão entre fronteiras simbólicas do masculino e do feminino. Estas flutuações são contidas no fenômeno de fragmentação das identidades, aceleração, ritmo e do tempo, mudanças de papéis, entre outras transformações próprias da sociedade contemporânea, segundo a autora.

A masculinidade, na qualidade de lugar simbólico de sentido estruturante, impõe aos agentes masculinos uma série de comportamentos e atitudes imbricados com os valores capazes de convertê-los em poder simbólico. Assim, a medida que mudam os valores, devem mudar suas representações. (VIEIRA-SENA, 2011, p. 38-39)

Refletir sobre as representações artísticas da nudez na arte funerária paulista fazendo uso da categoria de masculinidade implica reconhecer que cada obra artística é um suporte de representação de um corpo imaginário, revelador de determinadas narrativas e concepções de masculino e de feminino. O corpo na arte é sempre um corpo genereficado (BATISTA, 2011, p. 69). Ao buscarmos as representações de masculinidade nas estátuas buscamos identificar as tensões existentes entre vários modelos e estereótipos que são utilizados para construir o conceito de masculino. Buscamos compreender quais elementos são permitidos para a constituição das narrativas

polissêmicas encontradas nos cemitérios selecionados, tendo como horizonte disciplinador a moral e os valores paulistas durante a Primeira República.

3. Inventário das estátuas masculinas nuas no Cemitério da Consolação (SP) (1889-1930)

A pesquisa de doutoramento, em desenvolvimento, contempla como fonte de estudo o acervo das obras funerárias encontradas no Cemitério paulista da Consolação. A escolha deste cemitério como objeto de análise se deu em virtude de apresentar um dos mais significativos acervos de arte funerária do Brasil. O Cemitério da Consolação é o mais antigo da cidade de São Paulo e o que melhor lhe representa em termos de investimentos financeiros para a construção dos jazigos, em grande número suntuosos e abastados (VALLADARES, 1972, p.757).

A análise desta necrópole permite um olhar sobre as imagens funerárias masculinas no período em análise. A intenção é inventariar as ocorrências das obras despidas, parcial ou totalmente, constituídas no período proposto, qual seja de 1889 a 1930, correspondente à Primeira República. Para tanto, consideramos quesitos como identificação, material, conservação, escultores e marmoristas, etc. Posteriormente, isolaremos alguns dos monumentos encontrados, com a finalidade de análise iconográfica e iconológica dos mesmos, buscando recuperar parte da subjetividade que orientou a escolha destas estátuas para a construção da monumentalidade dos túmulos dos sepultados.

O Cemitério da Consolação foi o primeiro cemitério público a ser fundado em São

Paulo, em 1858, assim como é o mais antigo ainda em funcionamento na cidade. Localizada atualmente em uma das áreas mais valorizadas da cidade – Bairro de Higienópolis, a necrópole encontra-se em bom estado de conservação, assim como é bem organizada, administrada pelo Serviço Funerário do Município, que inclusive disponibiliza um guia para visitas monitoradas, tornando o espaço acessível para pesquisas acadêmicas (MARTINS, 2008).

Durante o inventário, encontramos vinte ocorrências, as quais inicialmente se dividem em três tipologias, as quais servem a fins didáticos, sendo que uma mesma estátua pode ser categorizada em mais de uma tipologia. A primeira destas se traduz nas representações de virilidade, associadas ao mundo do trabalho (quatro ocorrências), em face da presença de instrumentos e/ou simbolizam que remetem às atividades profissionais, por exemplo, rodas dentadas e martelos. Na segunda tipologia inventariamos as representações de sensibilidade (seis ocorrências), as quais apresentam as figuras masculinas curvadas, em posição pranteadora e com uma atitude resignada. No terceiro grupo, apresentam-se as representações de masculinidade em narrativas (dez ocorrências), quando as figuras masculinas se encontram em meio a outras figuras humanas, em geral grupos familiares.

Para exemplificar, trazemos algumas das imagens encontradas, as quais são representações alegóricas, ou seja, substituição de ideias, com a finalidade de expressar tanto o conceito, quanto a ideia personificada. No meio cemiterial, as alegorias estão a serviço dos ideais de civilidade e de monumentalização e demarcação espacial, cujo sentido muitas vezes está diretamente relacionado à expressão dos sentimentos.

Podem ser interpretadas como

representações sociais, no formato alegórico, às quais é inerente a finalidade de preservar a memória dos mortos através da individualização das sepulturas, conforme a subjetividade de cada grupo ou família. O uso destas alegorias também destaca as diferenciações sociais, visto se tratar de representações que nem todas as famílias legaram ao presente.

As representações de masculinidade associadas à virilidade, à força e ao vigor físico são as mais hegemônicas imagens do ideal de “ser-homem” no mundo burguês. Isso se deve a valorização do trabalho e a função deste como engrandecimento social. Há que se ressaltar que a simbologia presente nos túmulos serve muitas vezes à individualização da sepultura e a construção da memória do falecido e/ou da sua família.

Na figura 1, correspondente ao detalhe do mausoléu da Família David Jafet, encontramos uma estátua masculina, com o torso nu, empunhando ferramentas de trabalho. A composição como um todo é bastante alusiva ao labor, conforme pode ser visto na forma com os músculos evidenciados, na roda dentada ao fundo, assim como nos referidos instrumentos – uma bigorna, uma tenaz e um martelo. Tais elementos convergem para a construção discursiva do trabalho como valor de enobrecimento burguês, ou seja, do homem que se tornou destacado socialmente através do próprio esforço corporal, ao invés de ter nascido de uma linhagem nobre ou privilegiada, como o Davi que triunfa sobre Goliath, pelos méritos corpóreos próprios. Tal discurso vemos se fazer presente em muitos túmulos de famílias imigrantes, que vieram para o Brasil na virada do século XIX para o século XX, por exemplo.

Os elementos escolhidos para esta individualização são significativos para os determinados grupos sociais que fazem

parte dos elos sociais em determinado período e que são transferidos para o espaço cemiterial. Ademais, as representações escolhidas são as representações possíveis de serem construídas e exibidas tendo em vista determinada moral regente e sociedade. Para Batista (2010, p. 129), há nas representações artísticas de nudez um sistema de polaridade no qual o feminino está vinculado a ideias de sensualidade, do selvagem, da fluidez, da passividade. Já a nudez masculina é expressiva da lógica, da linearidade, da racionalidade e do equilíbrio.



FIGURA 1 – Mundo do Trabalho
Fonte: Cemitério da Consolação/SP, acervo da autora.

As pequenas narrativas construídas nos túmulos, como vemos na figura 2, expressam determinados valores morais da sociedade burguesa, como a família e a cristandade, associada à finitude. A referida narrativa emoldura a construção funerária da família de Constantino Curi. Nesta, encontramos um conjunto escultórico de Del Debbio, formado a partir de uma grande base tumular em

placas de granito negro polido em formato quadrado. Vários personagens representam alegoricamente a família, os descendentes e o trabalhador, cunhados com traços clássicos. Ainda que os elementos referentes ao trabalho ou a religiosidade se façam representar, aqui o componente fundamental é a família, tomada como estrutura social, a partir da qual os demais valores podem se edificar.

O espaço cemiterial é identificado enquanto experiência individual e coletiva, reflexivo da cidade na qual está inserido e portador das tensões e representações inerentes à mesma. São estas representações simbólicas dos valores morais que determinam a interpretação dos comportamentos sociais e culturais da sociedade paulista, foco de nossa análise.



FIGURA 2 – Narrativa
Fonte: Cemitério da Consolação/SP, acervo da autora.

Estas imagens masculinas, assim como outras esculturas, evocam diferentes discursos e papéis sociais. Reafirmam a transitoriedade

dos papéis de gênero e dos valores morais requeridos culturalmente em determinados períodos históricos e artísticos, ao fazerem uso de distintos recursos e motivações. Demonstram que a masculinidade não é um discurso único, monolítico, mas construído socialmente a partir das múltiplas tensões do real.

Nas figuras 3 e 4, por exemplo, a composição funerária se dá a partir de imagens masculinas solitárias, as quais reforçam a desolação ante a perda. Figuras debruçadas, sem traços faciais bem definidos, pranteiam os entes falecidos. Deste modo, a sensibilidade perante a morte não é de exclusividade feminina. Nestes túmulos encontramos exemplares masculinos que evidenciam uma postura de sofrimento, sem deixar de lado traços que afastam qualquer associação com uma possível leitura de feminilidade, visto que ainda expressam uma força latente, por meio dos músculos e do corpo bem torneado.



FIGURA 3 – Representação de Sensibilidade
Fonte: Cemitério da Consolação/SP, acervo da autora.



FIGURA 4 – Atitude perante à morte.
Fonte: Cemitério da Consolação/SP, acervo da autora.

Símbolos profanos, provenientes do mundo do trabalho, são mesclados no espaço cemiterial aos tradicionais símbolos religiosos, em diálogo de maior ou menor medida com a moral burguesa na Primeira República Paulista. Os cemitérios, deste modo, permitem a expressão e reconhecimento de outros tipos de valores culturais e sociais, que fogem ao controle do pensamento burguês conservador da época, os quais buscamos investigar no decorrer de nossa investigação.

4. Considerações finais

Ao refletirmos sobre a masculinidade no período (1889-1930), vemos que em concordância com o projeto burguês correspondente à formação das elites em meados do século XIX, enfatiza-se a associação das atividades masculinas com o mundo social mais amplo da economia,

da política e das interações sociais, além do âmbito da família, enquanto os de sua mulher eram rigidamente restringidos, limitavam-se ao mundo doméstico da própria família.

Esta posição do homem no mundo social se expressa na representação das atividades voltadas ao labor e a virilidade masculina nas estátuas funerárias. Todavia, nos cemitérios vemos também um grande número de figuras fortes e ao mesmo tempo sensíveis, que sentem a finitude tanto quanto as imagens femininas, que se colocam em posição resignada e pranteadora, em uma possível discordância com a moral do seu tempo. Deste modo, pudemos observar que os cemitérios a céu aberto permitiram a exposição da masculinidade com maior liberdade expressiva e estética, numa perspectiva mais plural e relacional.

Ao compreendermos a nudez como uma forma narrativa polissêmica, específica e inscrita no corpo humano, entende-se as imagens representacionais de masculinidade e feminilidade como lugares de negociação, conforme defende Batista (2010, p. 129). Ao assumir um papel mediador entre o ideal, o real e o natural, em cada obra artística, o escultor recupera narrativas que buscam inspirar determinadas práticas a nível social. Um corpo artístico é um corpo imaginário que, ao mesmo tempo, é inscrito de e busca inspirar múltiplos valores. Tratar deste processo narrativo do ponto de vista da construção das masculinidades é refletir sobre como se dá o revestimento da nudez através da arte, enquanto um discurso/prática de "genereficação" do corpo.

Referências Bibliográficas

ANDRESEN, S. de M. B. *O nu na Antiguidade Clássica*. Lisboa: Portugalia, 1992.

BATISTA, S. D. *O corpo falante: as inscrições discursivas do corpo na pintura acadêmica brasileira do século XIX*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2011. 287 f.

BATISTA, S. D. O corpo falante: narrativas e inscrições num corpo imaginário na pintura acadêmica do século XIX. *Revista Científica/Fap*, Curitiba, v. 5., p. 125-148, jan./jun. 2010.

BORZELLO, F. *The Naked Nude*. London: Thames and Hudson, 2012.

COELHO, T.; MOLINO, D. *Romantismo. A arte do entusiasmo*. São Paulo: Coleção MASP, 2010.

HAMMER-TUGENDHAT, D. On the Semantics of Male Nudity and Sexuality. A Retrospective. In: NATTER, T.G.; LEOPOLD, E. *Nude Men: from 1800 to the present Day*. München: Hirmer, 2012.

KATZ, H. Por uma teoria crítica do corpo. In: OLIVEIRA, A.C. de; CASTILHO, K. (Org.). *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*. Barueri, SP: Estação das Letras, 2008.

LEDDICK, D. *The Male Nude*. Hohenzollernring: Taschen, 2012.

LESSA, F. de S. Democracia e Esportes em Atenas. *Revista Synthesis (La Plata)*, n. 15, p. 59-75, 2008.

MARTINS, J. de S. *História e Arte no Cemitério da Consolação*. Prefeitura da Cidade de São Paulo, 2008.

NASCIMENTO, A. P. *O nu além das academias*.

São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011.

SCHMALE, W. Nakedness and Masculine Identity. Negotiations in the Public Space. In: NATTER, T.G.; LEOPOLD, E. *Nude Men: from 1800 to the present Day*. München: Hirmer, 2012.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. *Espaço, gênero & masculinidades plurais*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

VALLADARES, C do P. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Tomo I. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VIEIRA-SENA, T. *A construção da identidade masculina contemporânea por meio da roupa íntima*. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2011. 187f.